

Os jovens hoje encaram o sexo como uma questão de escolha pessoal. Mas a liberdade de escolher implica a obrigação de usar a cabeça

A Virgindade Está Obsoleta?

DANIEL A. SUGARMAN, *psicólogo,*
e ROLAINÉ HOCHSTEIN

NA GERAÇÃO passada, a maioria de nós estava de acordo quanto à virgindade: nenhuma mulher direita, de nenhuma idade, tinha relações sexuais com um homem que não fosse seu marido. Havia exceções, às escondidas, mas somente as rebeldes e as supersofisticadas admitiam abertamente que viviam ou dormiam com um homem sem estarem casadas.

As coisas estão mudadas. Uma moça moderna, que trabalha, convidada a levar sua companheira de quarto a uma festa, pode muito bem aparecer com um rapaz — que é com quem divide o seu apartamento. Noivos que consumam sua intimidade antes do casamento raramente têm disso a menor vergonha.

Quase todos os jovens atualmente aceitam o sexo como parte normal da vida. Admitem que as mulheres precisam e gostam da atividade

sexual tanto como os homens e acham que a maneira como pessoas adultas expressam, na intimidade, seus sentimentos mútuos, não é da conta de ninguém.

Na opinião de muitos especialistas em comportamento humano, essa maneira de pensar está sadia do ponto de vista psicológico, e a forma direta de encarar o sexo hoje em dia não é mais que bom senso. Mas sempre cria certos problemas. Fora da religião, não existe um código moral dominante que estabeleça as normas gerais de conduta. E, se a condição de virgem é agora uma questão de escolha pessoal, como poderá uma adolescente fazer essa escolha? Para ajudá-la a esclarecer suas idéias sobre o assunto, e certamente antes que se envolva num relacionamento que inclua sexo a sério, ela deveria fazer-se as perguntas:

1. *É apenas uma questão de afirmação?* Apesar da educação sexual nas escolas, apesar da tendência atual para uma atitude aberta em relação ao sexo, muitos pais continuam a achar que não se deve falar sobre isso com crianças — e que abaixo dos 18 anos todo o mundo é criança, devendo, portanto, guardar distância de livros e filmes que falam de problemas de homem e mulher. Os jovens às vezes vão a extremos para provar que os pais estão errados.

Há alguns anos, como psicólogo, tive o caso de uma jovem que era filha única de pais já idosos e de princípios rígidos. Aos 17 anos, Anne ainda tinha de ir para casa assim que terminassem as aulas e não podia sair com rapazes. Incapaz de convencer os pais a aliviarem suas restrições, ela fugiu de casa, pedindo carona até à cidade mais próxima. O primeiro motorista que passou foi mais adiante, levando-a para um motel. Nove meses depois, ela dava à luz um filho. Anne provou que, pelo menos fisicamente, já era adulta. Mas pagou um preço muito alto para ganhar a discussão.

Se uma moça estiver zangada com os pais, deve argumentar com eles, implorar-lhes, brigar com eles — e, se não puder convencê-los, lembrar-se de que *será* adulta um dia. Se optar pela saída de Anne, pode vir a sair perdendo em toda a linha.

2. *Estarei com medo de perdê-lo?* Frequentemente — física e emocionalmente menos complicado — o rapaz pode insistir numa intimidade

antes que a moça esteja certa de desejá-la. Por ela mesma, e *também* pelo rapaz, ela não deve ceder.

A participação plena no ato sexual é marco importantíssimo na psicologia feminina; para a maioria, constitui um profundo impacto. Não é raro uma jovem descobrir, na sua primeira relação, toda a força inesperada da sua sexualidade, criando assim uma ligação muito mais profunda do que ela imaginava possível. Por isto, muitas jovens que nada têm de pudicas ou inibidas preferem adiar a relação sexual até que se estabeleça uma ligação mutuamente responsável.

A grande maioria das garotas espera casar-se e ter família. Muitas acham que esse é o contexto no qual querem gozar um relacionamento total com um homem. Necessitam de um clima de permanência, segurança e apoio mútuo antes de estarem preparadas para um envolvimento sexual.

Se uma jovem insegura acha que tem de ceder para não perder o namorado, há algo de basicamente errado nessa relação. A igualdade de direitos da mulher certamente inclui o direito de dizer não.

3. *Como me sentirei amanhã? Na semana que vem? No mês que vem?* A descarga emocional desencadeada pela intimidade física é imensa e não pode simplesmente ser desligada no dia seguinte. Embora existam algumas mulheres capazes de se relacionarem com companheiros diferentes sem grandes problemas, essa naturalidade geralmente é fruto de

uma larga experiência e custou uma sensibilidade embotada. A grande maioria das mulheres leva o sexo muito a sério. Mesmo quando gostariam de não ligar muito, descobrem que o sexo as leva a sério.

O rapaz e a moça que se deixaram envolver num relacionamento sexual prematuro muitas vezes acabam descobrindo que estabeleceram um laço que nenhum dos dois realmente deseja. Contudo, uma vez estabelecido esse laço, o mais provável é que se sintam presos nele, que defendam — numa tendência que é de todos nós — a sua decisão, que procurem racionalizar o erro. «Entreguei-me a ele», raciocina a moça, «de onde deduzo que o amo.» Muito casamento infeliz é consequência da precipitada decisão de uma moça de se divertir um pouco.

Já tive clientes mulheres de mais de 25 anos que desejariam ter tido mais experiência sexual, mas com muito maior frequência encontrei jovens de menos de 18 que prefeririam ter tido menos. Pois, se, por um lado, a Nova Moral contribui para eliminar algo de uma pesada carga de preconceitos — o sentimento de culpa e um falso pudor — outrora associados à idéia de sexo, pelo outro ameaça degradar essa experiência.

4. *Saberei mesmo tanto sobre sexo como acho que sei?* Um rapaz de 18 anos contou-me que tivera relações sexuais com a namorada de 16. Utilizaram anticoncepcional? «Não foi preciso», respondeu ele. «Usamos o método do ritmo e ela

estava exatamente entre dois períodos.»

Essa impressionante ignorância dos métodos anticoncepcionais é muito frequente. Os jovens que não são conscienciosos o bastante para aprenderem os fatos e levarem em consideração as suas consequências obviamente não estão prontos para o sexo.

5. *Estamos os dois preparados?* É enorme a lacuna entre o momento em que as pessoas se tornam fisicamente capazes de terem relações sexuais e em que se tornam psicologicamente competentes para encarar uma relação amorosa.

O estabelecimento de tal relação geralmente é um processo longo que exige sensibilidade, compreensão, capacidade de preocupar-se com alguém *tanto quanto consigo mesmo*. É exigir demais de adolescentes, que são por natureza — e por boas razões psicológicas — voltados para si mesmos. Se você está pronta para se dedicar a outra pessoa, isso é metade do que se precisa. E *ele*? Essa é a outra metade.

PARA as jovens de sólidas convicções religiosas ou morais sobre relações pré-maritais, a única solução é adiar as experiências sexuais até ao casamento. Outras são colocadas diante da necessidade de tomar suas próprias decisões, estabelecer seus próprios princípios. A liberdade de escolher implica a obrigação de usar a cabeça. É uma responsabilidade de que resultam grandes consequências.